



ÉTICA E MEIO AMBIENTE

(Ethics and environment)

O homem, quando virtuoso, é o mais excelente dos animais, mas, separado da lei e da justiça, é o pior de todos. (Aristóteles)

Pe. Antonio Marcos Depizzoli*

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP.

Davi Francisco Poiani**

Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI – São Paulo – SP).

RESUMO

O tema da ecologia é muito mais do que uma tendência ou um assunto politicamente correto. Está em questão a manutenção da vida sobre a Terra, incluindo a própria sobrevivência humana que depende do meio ambiente. Este artigo é um esforço no sentido de relacionar a ética com as questões ambientais e ecológicas. Inicia-se com a questão do livre arbítrio que traz a necessidade fundamental da ética. Em seguida, há algumas considerações sobre ética e o desafio de expandir este conceito para além do âmbito humano. São apresentadas algumas questões ambientais, dentre as quais a preservação das florestas, a dignidade dos animais e o consumo de carne, com considerações baseadas em princípios éticos. Por fim, há o auxílio dos ensinamentos cristãos, relacionando a Parábola do Bom Samaritano com os ensinamentos de São Francisco de Assis, na esperança de contribuir para uma visão mais clara sobre o assunto e talvez tocar alguns corações.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Ecologia. Meio Ambiente.

ABSTRACT

The theme of ecology is much more than a trend or a politically correct subject. What is at stake is the maintenance of life upon the Earth, including the very human survival which depends on the environment. This article is an effort towards relating ethics with the environmental and ecological issues. It starts with the matter of free will which brings the fundamental need of ethics. Then there are a few considerations on ethics and the challenge to expand this concept beyond the human scope. Some environmental issues are presented, among which the preservation of forests, the dignity of animals and meat consumption, with considerations based on ethical principles. Last but not least, there is the aid of Christian teachings, relating the Parable of the Good Samaritan with the teachings of Saint Francis of Assisi, in the hope of contributing to a clearer view on the subject and perhaps touching a few hearts.

KEYWORDS: Ethics. Ecology. Environment.



INTRODUÇÃO

O ser humano é dotado de livre arbítrio. Ele possui o poder para agir e tomar decisões conforme a sua consciência e assim intervir em seu próprio destino. Pode construir ou destruir, encontrar o rumo ou se perder. Suas escolhas podem levá-lo por águas tranquilas ou por ondas turbulentas. Apenas o poder de decisão não é suficiente para guiar uma embarcação no rumo certo e em segurança. Então os navegantes devem utilizar instrumentos como mapas e bússolas ou se orientarem pela posição das estrelas. Eis que a ética é uma bússola que aponta o rumo de nossa navegação no mar da história.¹

1. O LIVRE ARBÍTRIO

A questão do livre arbítrio é um dos temas fundamentais da filosofia, ao qual grandes pensadores já se dedicaram. Por ser algo tão interessante e profundo, com implicações que trazem tantas outras perguntas, demandaria um estudo mais detalhado à parte. De momento faremos uma breve exposição, partindo do pressuposto que o livre arbítrio é algo real, que existe de fato. Portanto não colocamos em dúvida a sua existência tal como alguns o fazem.

Um exame do termo *arbítrio* pode enriquecer nossa investigação. *Arbitrar* é sinônimo de *julgar*. Ora, nenhum juiz deveria julgar arbitrariamente, ou seja, julgar somente por deter este poder. Por isto que há o respaldo das leis; estas devem orientar seu julgamento. Este sentido também ecoa no estudo da lógica: o *juízo* é uma decisão que apenas conecta (ou desconecta) dois conceitos. A existência de uma proposição (juízo) é basicamente uma forma, que não garante sua veracidade. O juízo verdadeiro é aquele que tem base na realidade, que condiz com seu conteúdo. Portanto o juízo por si só não basta, ele requer a companhia da verdade.

Interessante notar que na língua inglesa o equivalente a *livre arbítrio* é *free will*, que pode ser traduzido como *livre vontade*. Temos então que a vontade é livre, mas de fato as consequências desta vontade não o são. Estas consequências estão sujeitas às leis de causa e efeito. Entregue a si mesma, a vontade livre torna-se um cavalo desgovernado, causando estragos por onde passa. Portanto, é necessário algo que direcione a vontade, que possa domar essa força. Ressaltamos que o conceito aqui exposto se restringe à vontade humana, pois supomos que a vontade divina seja de uma graduação superior. Tanto é assim que uma das súplicas da oração do Pai Nosso a isso se refere.

Através dessas considerações, vemos que o livre arbítrio não possui autossuficiência. Portanto, *livre arbítrio não é sinônimo de plena liberdade*. Trata-se apenas da liberdade inicial de escolha. Há quem o use de forma equivocada, para perder esta liberdade e tornar-se escravo dos vícios e das paixões. Podemos ainda comparar o livre arbítrio (ou a vontade) a um impulso inicial que incita a alma a caminhar pela jornada da vida. Na escuridão podemos tropeçar e perder o rumo, então é preciso clareza para se caminhar em liberdade e segurança em determinada direção.



O ser humano tem à sua disposição alguns meios para guiar sua consciência, dentre os quais a inteligência, a sabedoria, o amor e a religião. A ética é uma destas ferramentas, fundamental às mentes e corações humanos.

1.1. DEFINIÇÃO DE “ÉTICA”

A palavra *ética* é derivada do grego *ethos*, que pode ser traduzido como: caráter moral, natureza, disposição, hábito, costume. A palavra moral é derivada do latim *moralis*, que por sua vez foi uma tradução do grego *ethos*. Alguns interpretam os termos *ética* e *moral* como sinônimos, que diferem apenas em suas origens etimológicas. Outros procuram estabelecer as diferenças entre um e outro, sendo que *moral* tenderia a um sentido mais estrito, relacionado aos hábitos e costumes de determinado povo ou época, ao passo que *ética* tenderia a um sentido mais amplo e universal, relativo à razão ou a leis superiores. A moral estaria hierarquicamente subordinada à ética, sendo essa última mais abrangente, num grau superior. Em dado contexto, é possível prescindir dessa distinção.

Podemos definir ética a partir de perspectivas distintas, dando forma a outras definições. Em geral, consideram-na como um dos ramos da filosofia. Para a presente análise, uma importante definição é a de que ética representa um *conjunto de leis superiores de valor universal*, que regem a conduta do espírito humano. A unidade suprema somente pode estar em Deus. Portanto, tendo em vista um caráter verdadeiramente universal, essas leis às quais nos referimos só podem ser leis cósmicas ou divinas, perante as quais as leis humanas são um reflexo; ou seja, essas últimas derivam das primeiras.

Quando manifestadas através da inteligência, as leis éticas são uma espécie de luz que guia o livre arbítrio dos homens. Nessa perspectiva, a luz possibilita a visão clara que traz discernimento e orienta a ação correta. Se transgredidas, as leis são os parâmetros para a justiça e sua aplicação. O sofrimento é uma maneira mais severa de trazer o indivíduo de volta para o caminho da luz.

Quando manifestadas através do amor, as leis são a força capaz de domar a vontade. Nessa perspectiva, há um componente espiritual de unidade, que é transcendente, intuitivo e que prescinde do intelecto. Aqui age a força que nos impele a salvar uma vida, sem que sejam necessárias quaisquer explicações.

1.2. A ÉTICA HUMANA

A ética humana não possui a mesma resplandecência da luz de uma ética superior, mas possui a mesma natureza. Isso se dá porque a intensidade de luz deve ser proporcional à capacidade dos olhos em captá-la. Na medida em que os seres humanos evoluem, vão abrindo aos poucos sua visão interior, sendo gradualmente capazes de vislumbrar mais luminosidade e apreender formas mais sutis e elevadas dessas leis universais. Nesse processo há o aprimoramento da



ética humana, que por sua vez é filha da ética eterna e universal. A mãe é mais sábia do que a filha, mas a filha possui os genes de sua mãe em sua constituição.

O senso comum tende a restringir a ética ao âmbito humano. Desta forma, quando o meio ambiente está em pauta, surge o desafio de transcender esse âmbito e estender a ética a uma esfera maior da existência, abrangendo um sistema mais vasto e integrado: um ecossistema. É possível, então, praticarmos uma ética universal, não somente relativa aos seres humanos, mas extensiva a todas as criaturas e toda criação?

A ecologia tornou-se um tema ético para todas as pessoas interessadas em proteger a vida em nosso planeta.

2. PRINCÍPIOS ÉTICOS E A QUESTÃO AMBIENTAL

De um modo geral, a ética do meio ambiente perscruta o significado ético das relações do homem com a biosfera, a esfera da vida. Sinaliza, com insistência e clareza, a responsabilidade moral do homem para com a natureza e as outras formas de vida nela contidas. Chama a atenção sobre a ameaça que representa o apetite humano desenfreado na exploração do meio-ambiente, com o uso de técnicas predatórias para satisfazer necessidades induzidas por diversas razões.

A humanidade é um dos principais elos na corrente da vida, uma das malhas na rede de relações entre os seres vivos. É possível a retomada de uma ideia antiga que, por exemplo, sempre acompanhou a filosofia aristotélica. Em palavras atuais, a espécie humana é uma dentre outras no conjunto dos ecossistemas que constituem a natureza viva.

A essa constatação de ordem natural, acrescenta-se a certeza de um risco: o ser humano ameaça aniquilar-se, arrastando consigo a biosfera, vítima de sua violência contra a natureza.

2.1. ANTROPOCENTRISMO E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO

Nossos sistemas de pensamento geralmente são nossas próprias criações, direcionados às condutas e problemas humanos e utilizados por agrupamentos humanos. Vivemos numa sociedade cujo centro ou ponto de convergência é o ser humano. Parece-nos óbvio ou natural que seja assim, mas um exame aprofundado revela um forte *caráter antropocêntrico* em nossas concepções de mundo, cuja influência muitas vezes passa despercebida, mas que está presente em grande medida, até mesmo no campo da ética.

O senso comum também corrobora isto: ao falarmos sobre ética, o assunto em pauta parece restringir-se ao âmbito humano. Mesmo quando se relaciona ética e meio ambiente, nos parece que os esforços não têm como principal fim o benefício para o meio ambiente em si mesmo; mais seriam um artifício para se garantir de volta o bem-estar humano que depende deste meio ambiente. Ou seja, a preocupação com o meio ambiente corre o risco de ser algo por *interesse*, pendendo mais para uma preocupação com a própria sobrevivência do homem.



Fala-se da preservação das florestas, dos rios, dos mares e da atmosfera. De fato essa preocupação já é um grande avanço tendo em vista o descaso com que a humanidade tem lidado com o planeta. Mas dentre as razões que são enumeradas, a vida em si mesma parece ficar em segundo plano. Obviamente que há exceções, mas na prática o ser humano se considera soberano para explorar a natureza conforme seus próprios interesses.

Há o exemplo do potencial econômico da Amazônia e do extrativismo sustentável. Concordamos que isto é algo importante e representa certa evolução, mas uma ética universal deveria ter como princípio o bem da coisa em si mesma e não ter em vista algum outro fim. O filósofo alemão Immanuel Kant delineou essa questão em seus escritos sobre ética: a ação ética deve ser *desinteressada*, deveríamos agir corretamente, simplesmente por se tratar de um *dever*. Ora, proteger, respeitar e preservar a vida, seja ela humana, animal ou mineral deveria ser um simples dever, e não apenas um meio que visa um benefício econômico.

Esses exemplos deixam em evidência o caráter antropocêntrico ao qual nos referimos. Dessa forma, entendemos que deve haver um esforço para transcender a visão de mundo restrita ao âmbito humano; trata-se de expandir a consciência para a esfera ecológica e planetária, que é muito mais abrangente do que o âmbito social, político ou econômico. Uma ética verdadeiramente universal deve ser o conjunto das leis que regem não somente as relações entre os homens, mas que dizem respeito a todos os seres que constituem o vasto tecido cósmico da vida.

2.2. DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO

Diante das atuais ameaças ao meio ambiente, tais como o aquecimento global e as mudanças no clima, a preocupação ecológica vem crescendo a cada dia. Essas questões são ameaças principalmente à vida na superfície do planeta, onde se situa a vida humana, animal e vegetal. O planeta já passou por várias catástrofes de ordem natural, dentre as quais podemos citar a extinção em massa dos dinossauros.

O desequilíbrio ecológico e a degradação ambiental colocam em movimento certas forças da natureza, cujo poder e magnitude são enormes e fogem ao controle humano. De forma significativa, está em risco a sobrevivência dos seres humanos e seu modo de vida, uma vez que são a espécie mais dependente da vasta gama de recursos naturais que o planeta oferece.

Tanto o senso comum quanto a ciência tendem a considerar as catástrofes naturais como acontecimentos casuais ou acidentais, geradas pelo movimento das indomáveis forças da natureza. Nessa visão, as causas material e eficiente (as forças envolvidas) seriam conhecidas, mas as causas formal e final seriam, então, mera obra do acaso, desprovidas de qualquer propósito. De passagem, é interessante citar que há alguns pensadores que concebem o planeta como um ser vivo, e como tal, dotado de inteligência e vontade. Nessa concepção sistêmica, os movimentos naturais passariam a ter um propósito, onde o planeta poderia ser comparado a um organismo que tenta restabelecer seu equilíbrio e sua saúde.

A Terra, naturalmente passa por ciclos climáticos de aquecimento e resfriamento, a exemplo das eras glaciais e interglaciais. No entanto, várias pesquisas apontam para o fato de que as



atuais mudanças climáticas são, em considerável medida, principalmente oriundas da atividade humana, dentre as quais: a queima de combustíveis fósseis, a produção industrial, o desmatamento de florestas, a pecuária, dentre outras.

Somos pequenos diante das grandes forças da natureza, mas o conjunto de nossas atividades em escala planetária acabou se tornando comparável a estas forças, haja vista o tamanho dos parques industriais e das grandes metrópoles, verdadeiras selvas de pedra.

Se não podemos controlar terremotos e erupções vulcânicas, devemos ao menos controlar nossas próprias ações. No livro, *Ética é justiça*, Pegoraro anota que:

Uma recente recomendação da ONU esboça a nova mentalidade mundial nas seguintes proposições: 1 – reorientação dos mercados para que sirvam às pessoas, e não as pessoas aos mercados; 2 – desenvolvimento e investimento em novos modelos de desenvolvimento centrados na pessoa humana e sustentáveis ecologicamente; 3 – focar a cooperação internacional nas necessidades humanas e não nas prioridades dos Estados; 4 – mudanças do foco da segurança das nações para as pessoas, do armamento para o desenvolvimento; e 5 – desenvolvimento de novos padrões de administração global e nacional, com maior descentralização, dando mais autoridade aos governos locais.²

2.3. RESPONSABILIDADE HUMANA

A palavra *responsabilidade* é aparentada com o verbo *responder*. Sendo assim, ser responsável é ter a capacidade de responder pelos próprios atos e suas consequências. A palavra *respeito* também é da mesma família, cujos termos possuem em comum a ideia de *reciprocidade*.

Uma vez reconhecida nossa responsabilidade, o devido cuidado com o aquilo que nos compete é nossa obrigação. Além da manutenção da natureza, somos responsáveis pela herança que será deixada para as gerações vindouras. Bento XVI, na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, n. 51 enfatiza essas questões, bem como a relação de reciprocidade entre o ser humano e o meio ambiente:

As modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que se trata a si mesmo, e vice-versa. Isto chama a sociedade atual a uma séria revisão de seu estilo de vida que, em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar os danos que daí derivam.³ É necessária uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar *novos estilos de vida* (grifos no original). [...] Toda lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais, assim como a degradação ambiental por sua vez gera insatisfação nas relações sociais. A natureza, especialmente em nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. [...].⁴



Faz parte da sabedoria popular a expressão "colhe-se aquilo que se plantou". A filosofia diria que se trata da lei de causa e efeito. No âmbito da religião se diz que Deus dá conforme o merecimento de cada um de seus filhos. Diante disso, deveríamos ser muito mais atentos com a qualidade das sementes que estamos plantando, com as razões de nossas causas e com a nossa filiação divina. Seja qual for a perspectiva, há uma lei perante a qual a humanidade deve responder por todas suas ações, tanto por suas proezas quanto por seus desmandos.

Constatamos a existência do mal que nos cerca, que se manifesta na forma de violência, guerras, degradação ambiental, doenças físicas e psíquicas, morte, pobreza, dentre outros. Ao invés de nos revoltarmos contra essas coisas, ou então nos considerarmos impotentes diante delas, um primeiro passo para a transcendência desses problemas é admitirmos nossa responsabilidade. É provável que surja um grande sentimento de culpa diante do reconhecimento de nossos erros, mas primeiro é necessário reconhecer-se pecador para poder ser perdoado, ou então perdoar a si próprio.

2.4. O SER HUMANO E SUA CONDIÇÃO

Retomemos brevemente a questão do antropocentrismo, já citada anteriormente. Conforme dissemos, nosso senso comum tende a restringir os princípios éticos e morais ao âmbito humano. Trata-se de um paradigma que coloca o homem no centro do universo, como a espécie mais importante de todas.

Não obstante, em certa medida o homem pode ser considerado como centro, não no sentido do centro para o qual tudo converge, mas no sentido de estar no meio, ser um termo médio entre o grandioso e o pequenino. Desta forma, este papel central deixa de ser aquele do único e mais importante e passa a ser aquele de um *mediador*, de um *instrumento* inserido em uma *estrutura hierárquica*. Pois assim colocamos cada coisa em seu lugar: somente a Deus cabe ser o centro da existência. Passamos da estrita visão antropocêntrica para a vasta e infinita visão teocêntrica.

Vários filósofos trabalharam a concepção do homem como mediador, como um cidadão cindido entre dois mundos. Marsílio Ficino, expoente da filosofia renascentista, é um dos que utilizam a expressão *anima copula mundi*, ou seja, a alma humana é uma espécie de ponte entre o mundo do espírito e o mundo da matéria. Platão se referiu ao mundo sensível e ao mundo das ideias. No pensamento de Aristóteles, embora haja apenas uma realidade, o filósofo definiu o homem através de suas duas principais naturezas: *um animal que é racional*. Kant afirma que o homem, enquanto animal vive no mundo *fenomênico* da causalidade, mas enquanto ser espiritual vive no mundo *numênico* da liberdade.⁵ Em suma, ao mesmo tempo em que somos animais, também somos seres espirituais.

Na concepção hierárquica, podemos ter como imagem uma árvore, sendo a unidade expressa pelo tronco e a multiplicidade pelos ramos, galhos, folhas e frutos. Mas esta árvore estaria de cabeça para baixo, sendo que a unidade, expressa pelo tronco se encontra no alto. O atributo daquilo que é universal é possuir unidade. Princípios éticos universais são gerados no alto, partem do uno, e descem para a multiplicidade das formas criadas.



Eis, então, que não apenas temos relações e deveres éticos para com aqueles que estão ao nosso lado, no plano horizontal (os seres humanos), mas também para com aqueles que estão acima (anjos, seres celestiais, Deus) e aqueles que estão abaixo de nós (seres animais, vegetais e minerais).

Nós não estamos apenas inseridos no meio ambiente, nós de fato *somos parte* deste meio ambiente, dessa rede de conexões. Ser parte de algo é participar efetivamente de sua composição. A melhor analogia para expressar isto está em nossa própria constituição. Da mesma forma que as células são partes integrantes de nosso organismo, nós podemos nos considerar como células integrantes de um organismo maior, no caso, o próprio planeta Terra.

2.5. CARIDADE E VERDADE

Outra ferramenta para ampliarmos nosso conceito sobre ética está no fato de que nossos valores e ações devem conjugar *sentimento* e *razão*; o sentimento é a força propulsora e a razão é o elemento que guia essa força. O sentimento deve ser impulsionado pelo amor assim como a razão deve portar a luz da verdade.

Bento XVI na Carta Encíclica *Caritas in veritate*, versa acerca dessa relação, através da "necessidade de conjugar a caridade com a verdade", ou seja, sentimento e razão devem trabalhar juntos. Um bom exemplo é a questão da esmola: a caridade isolada pode nos impulsionar a dar uma moeda a todos que nos pedem, no entanto essa nem sempre é a ajuda mais adequada para alguém necessitado, pois essa esmola pode ser usada para fins que não são nobres, piorando a situação. Quando iluminado pela verdade, o impulso da caridade tem a possibilidade de enxergar que em determinadas situações, talvez uma oração, uma conversa ou um auxílio efetivo para resolver o problema sejam mais apropriados do que um punhado de moedas.

Em relação ao meio ambiente, esse ensinamento também é de profunda necessidade. O espírito ecológico dotado apenas da faculdade da razão carece de força propulsora para o bem, pode ser contaminado e impulsionado por justificativas que se distanciam do amor às criaturas, conforme vimos nos exemplos onde as razões econômicas prevalecem sobre a própria vida. Não é possível uma atitude plenamente ecológica sem que haja um amor verdadeiro pela natureza.

Por sua vez, o ímpeto ecológico munido apenas de sentimento carece da luz que poderia guiá-lo de maneira inteligente e sábia. Tende-se a ignorar a razão das coisas e suas causas, desperdiçando-se energia e tempo. Nem sempre a atitude que aparenta ser a mais ecológica é de fato a mais correta. Como exemplo, podemos citar o fato de que alguns métodos de reciclagem de materiais provaram ser muito dispendiosos, gastando muita energia, não sendo tão ecológicos assim, mesmo que a intenção fosse das melhores.

3. O CONSUMO DE CARNE E A ÉTICA PARA COM OS ANIMAIS



Apesar de complexo ou polêmico, o consumo da carne dos animais é um tema de grande relevância quando está em pauta a ética e o meio ambiente. Há uma série de questões envolvidas que demandam um estudo à parte, mais extenso e detalhado. Nos deteremos em apenas algumas questões, que servem como um convite para o leitor aprofundar o estudo desse tema.

3.1. HÁBITOS E NORMALIDADE

O primeiro obstáculo para tal discussão é o fato de que comer carne é um *hábito normal* para a maioria dos seres humanos. *Hábitos* são os valores e costumes que *habitam* os indivíduos, que tem neles sua morada; não por acaso são palavras semelhantes. Portanto, mudar hábitos é árdua tarefa. É preciso luz de consciência para reconhecer os habitantes indesejados e então força de vontade para expulsá-los ou transformá-los, possibilitando que melhores hábitos nos habitem.

Normal e *norma* são termos aparentados. Em seu aspecto positivo, as normas são importantes, pois servem para regular as condutas humanas mais corriqueiras, da vida diária. Em seu aspecto negativo, as normas tendem a entorpecer os indivíduos, adormecê-los, ou seja, por ser algo normal, repetem-se sempre os mesmos hábitos, de forma automática, sem que se questione o seu valor.

Certas normas de outrora já não servem mais no tempo presente. Ao longo da história, as normas vão sendo sucessivamente substituídas por outras mais justas, melhores ou mais abrangentes. Um exemplo notório é o fato de que a escravidão já foi algo normal. Segue-se, então, que as normas nem sempre são éticas. Não estamos sugerindo que as normas em geral devam ser *transgredidas*, mas conforme a luz da ética superior incida sobre a consciência, as normas devem evoluir ou serem *transcendidas*. Isso também vale para a alimentação humana.

3.2. A PECUÁRIA E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Para muitos, a pecuária evoca a imagem de uma bela fazenda com algumas cabeças de gado que ao final da vida são transformadas na carne que chega à nossa mesa. Entretanto, essa imagem pacífica raramente condiz com a realidade nos dias atuais. Passa despercebido o fato de que a pecuária envolve a ordem de *bilhões* de animais, pois de outra maneira como seria possível suprir a demanda mundial do consumo de carne, para sete bilhões de seres humanos? Somente no Brasil, estima-se que há mais gado do que pessoas, isso sem considerar a população de aves e de suínos. Somando-se as espécies animais utilizadas para o consumo humano, temos um número de imensas proporções.

A atividade pecuária é um dos principais fatores que causam a degradação ambiental, principalmente as criações de bovinos e suínos. Desmatam-se milhares de hectares de floresta para a obtenção de pastos e para o plantio de grãos que alimentam o gado, grãos estes que



poderiam ser destinados diretamente aos humanos. Há outros problemas como o gasto de água no processo, a contaminação de rios e lençóis freáticos pelos dejetos, o consumo de energia, dentre tantos outros.

3.3. OS ANIMAIS, SUA ESSÊNCIA E DIGNIDADE

A palavra *animal* vem do latim *anima*, que quer dizer *alma, sopro de vida*. Portanto, afirmar que os animais não possuem alma é contradizer o próprio significado da palavra, é negar a sua essência e sua dignidade como seres vivos que também possuem atributos mais sutis do que o corpo material. A diferença para a alma humana está no grau de evolução, pois os animais possuem vida, sentimentos, inteligência, memória e outros atributos de consciência que, embora em estágio embrionário ou menos evoluído, não são menos reais ou merecedores de dignidade e respeito.

Apesar de sua essência como seres vivos, os animais de criação são considerados meros objetos de consumo. A dor e o sofrimento que sentem são desprezados pelos humanos, como se não existissem ou não tivessem a mínima importância. Há de se perguntar quais seriam as causas dessa indiferença. Alguém em sã consciência seria capaz de matar um cão de estimação com suas próprias mãos, limpar suas entranhas, e então comer sua carne? Ora, qual a diferença entre um cão, um porco e um boi? Provavelmente a diferença é que o cão é amado pelo humano, mas será que o boi não pode também ser amado? Fica evidente que se trata de uma questão cultural, pois há culturas em que se comem cães, e outras nas quais os bovinos não são mortos, por serem considerados animais sagrados.

Em nossa cultura, há o fato de que os consumidores compram a carne já embalada no mercado e não se dão conta do rastro de dor, sofrimento e morte que irão ingerir, impregnado naquele material em processo de decomposição. A partir do momento em que a integridade de um animal é violada, interrompendo-se sua vida, a natureza imediatamente começa a agir para decompor e reciclar aquele material, gradualmente tornando-o putrefato. Então são necessários os frigoríficos para retardar o processo.

Nos alimentos vegetais é bem diferente. A árvore não precisa morrer para nos doar seus frutos; ao se desprenderem, seu invólucro mantém sua energia vital por um tempo. Ao serem abertos para o consumo, espalham-se as sementes de uma nova vida. Portanto, aqui o rastro é de paz, cooperação e vida.

3.4. PERCEPÇÃO, INTUIÇÃO E HARMONIA

Uma simples visita à feira livre pode ser uma experiência sensorial muito rica, ao alcance de todos e repleta de informações que dispensam teorias. Ao passarmos perto das frutas e dos vegetais, nossos sentidos perceberão a beleza das cores e das formas, a textura e os agradáveis aromas que intuitivamente nos trazem uma sensação de harmonia. Ao passar perto dos locais que vendem carne, o que vemos são os pedaços remanescentes dos cadáveres dos animais,



com sua aparência característica. Dificilmente se encontrará algum traço de harmonia nesse cenário, algo que seja agradável aos sentidos ou nos convide para permanecer por perto.

Pais podem levar seus filhos pequenos a um sítio para mostrar a origem das frutas e verduras, e ensinar como são plantadas, cultivadas e colhidas. Mas quantos teriam coragem de levar seus filhos para ver um matadouro? Pois bem, a resposta a esta pergunta já deveria ser um indicativo que dispensa qualquer filosofia ou explicação. Se a pureza das crianças incita os pais a preservar suas vistas de situações violentas, porque então ignorar a origem violenta de alguns alimentos?

Alguns justificam o consumo de carne por tratar-se de algo prazeroso, pois apreciam o sabor da carne. Ora, o prazer por si só não é um bom professor, não parece ser ético que um prazer justifique o sofrimento de outros seres. Outros se justificam no fato de que os próprios animais se alimentam uns dos outros, matando-se de maneira violenta. Pois bem, nem mesmo atos violentos de outros humanos autorizam ou justificam que se faça o mesmo, que dirá então da parte dos animais, cuja consciência é menos desenvolvida. Estando em grau maior de evolução, o ser humano tem o dever de guiar-se por valores elevados e pacíficos.

Após uma determinada refeição, a própria sabedoria do corpo nos indica se comemos na medida certa ou se passamos da medida. Nós sabemos que certos alimentam “pesam” no estômago e que outros são mais leves. Como nos sentimos após uma refeição repleta de carne? Qual a sensação após ingerirmos frutas, legumes ou verduras? Portanto, na medida em que cada um é o condutor de seu próprio corpo, pode prestar atenção nesses indicativos e fazer suas escolhas.

3.5. ESPIRITUALIDADE, EVOLUÇÃO E CONSEQUÊNCIAS DE NOSSOS ATOS

Muitas questões de ordem espiritual ainda são desconhecidas. Há uma interconexão entre os seres e os acontecimentos, cuja relação transcende a noção física de causalidade, ou seja, nem sempre causa e efeito são contíguos no tempo e no espaço, conforme demonstram experimentos da física quântica. Pesquisadores já obtiveram evidências materiais da eficácia da oração, cujas irradiações geram efeitos em lugares distantes. Causas físicas também geram efeitos imateriais, assim como causas imateriais podem gerar efeitos físicos.

Pois bem, milhões de animais são rotineiramente mortos, num derramamento de sangue em escala planetária. Desta maneira, como é possível concebermos que o reino da paz venha se instalar na Terra algum dia? Pensamos que tais atos são inofensivos, mas há graves efeitos negativos nos planos mais sutis, que influenciam a esfera psíquica e energética dos seres visíveis e invisíveis em todo o planeta. A violência e as guerras são oriundas do ódio e da falta de amor, mas certamente elas também são alimentadas por esse sofrimento dos animais, pois essa negatividade demanda alguma forma de descarga e compensação, de acordo com as leis de causa e efeito.

Pedimos em nossas orações que venha o reino de Deus, mas para isso é necessário que seja feita a vontade divina do amor e da paz. Assim na Terra como no Céu implica que



gradualmente a Terra deve evoluir e ir tornando-se semelhante ao Céu, que é a morada dos anjos e dos puros de coração. A propósito, alguém pode imaginar os anjos agindo como nós agimos, matando animais para depois irem se deleitar em um churrasco? No entanto, veremos a seguir que os anjos também precisam se alimentar.

Prestemos atenção nas palavras do próprio Arcanjo Rafael no Antigo Testamento, citadas no belíssimo livro de Tobias, quando o anjo revela sua origem: "Parecia-vos que eu comia e bebia convosco, mas o meu alimento é um manjar invisível e minha bebida não pode ser vista pelos homens" (Tb 12,19).⁶ O alimento do anjo deve ser algo condizente com sua natureza, algo mais sutil, puro e luminoso, mas o princípio da nutrição é o mesmo, também existe nos planos superiores. Eis então que uma de nossas tarefas no plano evolutivo é sutilizar a nossa alimentação, torná-la mais pura e pacífica, para quem sabe um dia nos sentarmos à mesa com os anjos. Obviamente que pode levar muito tempo para chegarmos a tal grau de pureza, mas é preciso que se caminhe até lá. Isentar nossa alimentação do sofrimento dos animais já é um passo importante nessa jornada.

3.6. QUESTÕES NUTRICIONAIS

Além de ser uma herança cultural, a própria ciência da nutrição defende este hábito. Um dos pressupostos é o fato de que *o organismo humano* necessita da proteína da carne para a manutenção da saúde. Trata-se de uma generalização duvidosa, pois em termos *lógicos* e *empíricos*, basta a existência de apenas um vegetariano saudável para refutar este argumento.⁷ Defendemos que é possível obter a proteína necessária à saúde através dos vegetais, sem a necessidade da proteína animal.

Há pesquisas que relacionam o consumo excessivo de carne com doenças cardiovasculares, excesso de peso e o aumento da probabilidade do surgimento de tumores nos órgãos que compõem nosso sistema digestivo. Embora alguns cientistas mantenham posicionamentos tendenciosos, há indicativos seguros de que uma alimentação majoritariamente vegetariana é mais benéfica para nosso organismo. Cuidar da própria saúde também é uma questão ética consigo mesmo.

Para aqueles que pretendem pôr em prática uma alimentação mais sutil, advertimos que não é recomendada a mudança repentina de hábitos alimentares, toda mudança deve ser gradual e consciente, munida de informação. Certas pessoas devem ter o acompanhamento de um especialista. A prática de hábitos alimentares específicos e as questões nutricionais envolvidas demandam um estudo à parte que ultrapassa o escopo deste artigo. Neste trecho, nosso intento é delinear o que envolve o consumo de carne e relacioná-lo com a questão ética e ambiental.

O consumo de peixes merece uma ressalva específica. Parece trazer menos impacto ambiental, desde que feito em escala aceitável, preservando rios e mares. Como vivem no ambiente aquático, as florestas não são prejudicadas. Sua condição evolucionária os coloca num meio termo entre os vegetais e os animais superiores, implicando em um grau menor de gravidade quando sua vida é interrompida. Não se incluem aqui os mamíferos aquáticos, tais como baleias e golfinhos. Essa questão demanda análise mais aprofundada, mas em linhas



gerais, contanto que seja feito de maneira moderada e consciente, o consumo de peixes pode servir de transição para a alimentação vegetariana, mais saudável e ecológica.

3.7. CARNÍVOROS, VEGETARIANOS E A NECESSIDADE DE MUDANÇA

Concluimos esse capítulo reconhecendo a complexidade do tema e o quão delicado é tratar de um hábito que poucos questionam. Não é nossa intenção incentivar sectarismos entre carnívoros e vegetarianos, mesmo porque talvez essa não seja a melhor classificação, ou seja, quando se coloca carnívoros de um lado e vegetarianos de outro, ignora-se os pontos em comum e outras questões envolvidas.

Desta maneira, sob determinada perspectiva, todos os seres humanos são vegetarianos, sem exceção, pois todos se alimentam de vegetais, inclusive aqueles que comem carne, que por sua vez são a maioria, mas não são todos. Isso depende da extensão dos conceitos. Como exemplo, os jesuítas não deixam de ser cristãos pelo fato de serem jesuítas; ser cristão é algo mais abrangente, que envolve diversos grupos, incluindo os jesuítas. Então há cristãos que são jesuítas e cristãos que não o são. Mas é impossível haver jesuítas que não são cristãos, isso seria uma contradição lógica. Se todos comem vegetais, então isso é algo mais amplo. Portanto, talvez fosse mais apropriado dizer o seguinte: entre os humanos, há os vegetarianos que comem carne e os vegetarianos que não comem carne. Tanto é que há vegetarianos que também comem ovos, outros que não comem ovos, mas tomam leite, e outros que se alimentam estritamente de vegetais, excluindo qualquer produto de origem animal.

Fazemos tal consideração um tanto inusitada para reforçarmos o senso de igualdade entre as pessoas, mas é claro que devemos levar em conta que os termos *carnívoro* e *vegetariano*, tal como as pessoas os entendem, são conceitos já estabelecidos com um sentido específico que os distingue.

Sabemos ser impossível que a humanidade inteira pare repentinamente de consumir carne, mas o agravamento da situação ambiental traz a *urgência* de que ao menos haja uma significativa *diminuição* do consumo. Os indivíduos são constituídos de diversas maneiras, cada um com suas necessidades e com graus distintos de consciência. Alguns estão mais preparados do que outros para mudar seus hábitos alimentares. A instrução aqui presente talvez não sirva para todos, mas é importante que haja ferramentas de conhecimento para aqueles que sintam o chamado para seguir esse caminho.

4. ENSINAMENTOS CRISTÃOS E SUA CONTRIBUIÇÃO AO TEMA

Jesus deixou ensinamentos sob as mais diversas formas, tanto na forma oral como em suas atitudes que prescindiam de palavras. Dentre essas maneiras com as quais exercia seu ministério, o gênero da parábola é um dos mais conhecidos. Em meio aos cristãos, embora



haja um grau variado de conhecimento sobre o assunto, a maioria saberá ao menos mencionar o nome de uma das parábolas de Jesus.

As parábolas possuem algumas características marcantes: histórias simples e curtas, de caráter teológico, doutrinal, alegórico, contendo ensinamentos morais. Há um intencional componente didático nesses elementos, de forma que até mesmo aqueles mais humildes pudessem extrair algum aprendizado. Para que os ouvintes se identificassem com tais histórias, tanto o contexto quanto os personagens eram de fácil assimilação.

Ao ser indagado por seus discípulos sobre o porquê de ensinar com parábolas, Jesus respondeu dizendo: “A vocês foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles isto não foi dado” (Mt 13,11). Para a multidão, Jesus falava em imagem e histórias, e então para os seus discípulos ele explicava as correspondências entre essas e as realidades morais. Isso deixa claro o fato de que Jesus ensinava para pessoas de diferentes graus de entendimento, desde os mais iniciantes até os mais doutos.

Apesar da simplicidade, os ensinamentos continham significados muito amplos e profundos, podendo ser aproveitados por todos que ouviam, mas que permaneciam velados àqueles que menosprezavam ou subestimavam essa simplicidade, tal como alguns doutores da lei o fizeram.

4.1. A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

A partir da proposta de envolver os ensinamentos cristãos com o tema geral, procuramos inserir uma passagem da Bíblia, em especial dos Evangelhos, que se adequasse a tal propósito.

Os termos *ecologia e meio ambiente* são conceitos mais recentes, que não são encontrados na Bíblia, não querendo dizer que não haja menção ao tema, mas se houver aparece um tanto velado, não explícito, de maneira discreta, indireta, ou ainda inserido em outro contexto. Por outro lado, ética é um tema recorrente em toda a extensão dos escritos bíblicos, embora em si, a palavra *ética* seja rara, devido ao fato de sua origem vincular-se ao vocabulário grego.

Desta maneira, o trecho da Bíblia que escolhemos servirá para nos focarmos especificamente no âmbito da ética, deixando por ora o âmbito do meio ambiente. Esse último será tratado em foco mais adiante através dos ensinamentos de São Francisco de Assis. Por fim, faremos a ponte entre os dois âmbitos, relacionando-os com o propósito do presente trabalho.

Isto não quer dizer que o Evangelho trate somente da ética e que o Santo de Assis trate somente do meio ambiente. De fato, os temas são interdependentes, um se funde ao outro. É óbvio que o amor de São Francisco pelos animais é ao mesmo tempo ético e ecológico. Trata-se apenas de uma questão didática de foco, para que o leitor possa acompanhar nosso raciocínio e a maneira como trazemos os ensinamentos de Jesus e São Francisco para o tema geral em questão.

Dentre as parábolas que examinamos, escolhemos a Parábola do Bom Samaritano, que se afina com o propósito da expansão de nosso conceito sobre ética, bem como um remédio para



o problema da indiferença. Segue a transcrição da parábola presente no Evangelho Segundo São Lucas (Lc 10, 25-37), a partir da tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

25 Um doutor da Lei se levantou e, querendo experimentar Jesus, perguntou: “Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” 26 Jesus lhe disse: “Que está escrito na Lei? Como lê?” 27 Ele respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo!” 28 Jesus lhe disse: “Respondeste corretamente. Faze isso e viverás”. 29 Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” 30 Jesus retomou: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe arrancaram tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. 31 Por acaso, um sacerdote estava passando por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. 32 O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. 33 Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão. 34 Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. 35 No dia seguinte, pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão, recomendando: ‘Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais’. 36 Na tua opinião – perguntou Jesus –, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” 37 Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai e faze tu a mesma coisa”.⁸

4.2. COMENTÁRIO À PARÁBOLA

Logo de início, há um doutor da Lei querendo testar Jesus de alguma forma, provavelmente com a intenção de fazê-lo titubear, ou não dar uma resposta a contento. Muito sabiamente, Jesus devolveu a pergunta, fazendo-o recitar a lei: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo!”.

Podemos dizer que o ponto de partida é justamente a pergunta do doutor da lei: “E quem é o meu próximo?”. A Parábola do Bom Samaritano é toda voltada a se responder essa pergunta.

Há vários simbolismos que permeiam a história. Primeiramente há o fato de um sacerdote ter passado pelo homem em apuros, visto sua condição e nada ter feito. Ou seja, estar letrado em todas as minúcias da lei não significa ser cumpridor delas. Nem mesmo a posse de um cargo espiritual ou religioso é a garantia de qualidades morais, tais como a compaixão e a caridade.

O segundo a passar pelo homem é o levita, homem da tribo de Levi, encarregado de funções religiosas junto ao Templo, ou seja, alguém de quem se espera atos bondosos e compassivos. No entanto, tal como o sacerdote, este também passa pelo homem sem tomar nenhuma atitude, mantendo-se indiferente ao sofrimento alheio.

Muito provavelmente, o homem que precisava de ajuda era um judeu. Sabe-se que os judeus não apreciavam os samaritanos. Consideravam-nos indignos e impuros, até mesmo por questões raciais. Havia inimizade de longa data entre esses grupos. Eis uma das razões de



Jesus ter apresentado a figura de um samaritano, ou seja, a vítima foi socorrida por aquele de quem menos se esperava tal atitude para com um judeu. O bom samaritano foi o “próximo do homem”, que além de tê-lo socorrido, tratou-lhe as feridas, levou-o até uma pensão e se colocou à disposição para cobrir os gastos.

O doutor da lei era conhecedor da Lei, sabia que devia amar a Deus sobre todas as coisas, mas nitidamente se mostrou em dúvidas acerca de sua aplicação diante dos semelhantes.

Jesus quis demonstrar que o próximo não é somente aquele que pertence à mesma raça ou à mesma comunidade. Por meio da parábola, procurou expandir a consciência das pessoas acerca do conceito de quem se considerava ser o próximo.

Na história da humanidade, parece que o movimento de aceitação das diferenças vai acontecendo de passo em passo, de forma gradual. As guerras que nos assolam têm as mais diversas motivações, sejam políticas, econômicas, religiosas ou raciais. Mas todas elas têm em comum o fato de que o inimigo não é visto como um próximo ou alguém semelhante, e sim como alguém que é diferente.

Além das guerras, também a escravidão tinha como um de seus pressupostos a questão da *diferença*, seja em termos de raça, religião, classe social, dentre outras. Um dos maiores ensinamentos de Jesus é “Amai-vos uns aos outros”.

Se a compaixão nos ensina a vermos *todos* os outros seres humanos como irmãos, a despeito de qualquer diferença, será então que não devemos *expandir o senso de irmandade e comunhão para além da espécie humana*? O desafio então é percebermos a igualdade que permeia as diferenças, ou seja, as formas das criaturas são diferentes, mas elas também são filhas da criação. Neste sentido não há benefício em distinguir os termos *filhos* e *criaturas*, pois o Pai Celeste e o Criador são um só, sendo apenas denominações distintas. Portanto todas as criaturas, sejam elas animais, humanas ou angelicais são filhos e filhas de Deus. Filhos e filhas do mesmo Pai são simplesmente irmãos e irmãs.

4.3. SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A VIDA CÓSMICA

São Francisco de Assis é um dos mais celebrados santos da história da humanidade. Considerado uma das maiores figuras do cristianismo desde a vinda de Jesus, nos deixou um belo exemplo de vida, por meio de sua caridade aos mais necessitados, sua humildade, disciplina, obediência a Deus e tantas outras expressões de virtude.

Um dos aspectos mais conhecidos de seu legado espiritual é o grande amor pela natureza, sendo por isso considerado o santo protetor dos animais e do meio ambiente. Um exemplo está em seu célebre Cântico das Criaturas. Citaremos os trechos que fazem menção ao âmbito da natureza:

Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o meu senhor irmão Sol,
o qual faz o dia e por ele nos alumias.



E ele é belo e radiante, com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas:
no céu as acendeste, claras, e preciosas e belas.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Vento
e pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, e todo o tempo,
por quem dás às tuas criaturas o sustento.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água,
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Fogo,
pelo qual alumias a noite: e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.
Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e governa, e produz variados frutos,
com flores coloridas, e verduras.⁹

Vemos que São Francisco de Assis considera como irmãos o Sol, a Lua, as estrelas, a mãe Terra e toda a natureza. Dificilmente algum leitor desse cântico hesitaria em dizer que se trata de uma belíssima poesia, repleta de imagens e metáforas acerca dos elementos da natureza.

No entanto, a função da poesia não é somente a de encantar os ouvidos e tocar o coração de quem a ouve; ela pode também iluminar o intelecto, ser portadora de ensinamentos oriundos das mais altas esferas espirituais.

Essas afirmações parecem óbvias, mas na prática a maior parte da humanidade está longe de reconhecer a verdade dos ensinamentos contidos no Cântico de São Francisco. Quantos consideram a Terra como nossa mãe e irmã? Se os animais são nossos irmãos, nós temos o direito de escravizá-los e tirar-lhes a vida? Para a ciência atual, apenas o homem é inteligente e racional, e apenas há vida nos seres que se enquadram nos parâmetros que os próprios humanos postularam. Todo o resto, a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas se tornaram apenas coisas, objetos materiais sem vida.

Ora, como é possível sermos irmãos de coisas inertes, mortas, irracionais, meramente materiais? De fato só é possível ser irmão de seres que possuem vida, amor e inteligência. O Sol é a principal fonte de luz e de calor que jorra sobre o planeta. Eis que São Francisco nos diz: “especialmente o meu senhor irmão Sol... ele é belo e radiante, com grande esplendor: *de ti Altíssimo, nos dá ele a imagem*”. Ao invés de deter-se apenas na questão poética, pode-se ir além e levar a sério a afirmação de São Francisco, cujas implicações são profundas, e considerá-la um ensinamento de altíssimo grau. Como pode então o irmão Sol, essa gigantesca fonte de luz e de vida, ser apenas uma esfera incandescente sem alma?

Entorpecidos por nossa visão antropocêntrica, não conseguimos conceber formas de vida diferentes ou mais sutis, tal qual o Narciso que está hipnotizado por sua própria imagem. Procuramos vida em outros planetas, especialmente que sejam semelhantes a nós ou então que sejam ao menos tais como as bactérias, pois essas se incluem em nossa lista de seres viventes.



Por conta disso, acabamos por ignorar a vida mais sutil que permeia toda a criação. Ora, a causa é sempre maior em grau de perfeição do que o efeito. A própria ciência reconhece que a vida na Terra não seria possível sem o Sol. Então, como é possível que a causa da vida inteligente na Terra seja desprovida de vida e de inteligência?

Não é mero acaso que se diz: *a luz da inteligência e o calor do amor*. O calor e a luz são emanados do Sol e sem a luz não conseguiríamos nem ler, escrever ou então distinguir as coisas. A luz física nos possibilita distinguir os objetos materiais e a luz da inteligência nos permite distinguir os pensamentos. Toda analogia possui a mesma genética nos elementos que se comparam, embora a forma e o plano de manifestação sejam distintos.

Podemos dizer que o Sol é o pai da vida na terra, mas ao mesmo tempo obviamente que o Sol *é um dos filhos de Deus*, tal como todas as estrelas também o são. Não é nossa intenção fazermos culto ao Sol, mas trata-se de um bom exemplo que pode clarear nossa visão e expandir nosso pensamento para a vastidão da vida em suas diferentes manifestações.

O ensinamento de São Francisco de Assis é uma preciosíssima ferramenta, que pode nos acordar do sono do materialismo, do desencanto que transformou a natureza em uma máquina a serviço dos homens. A vida criada por Deus está presente em todo o cosmos. Uma noite estrelada pode nos dar um vislumbre deste grande templo que é a própria criação.

4.4. CONJUGANDO OS ENSINAMENTOS DE JESUS E SÃO FRANCISCO

Eis que neste ponto podemos estabelecer uma conexão entre a parábola de Jesus e o ensinamento de São Francisco: as florestas devastadas, os rios poluídos, a atmosfera insalubre, os animais que sofrem, a terra explorada, e toda a natureza são também *o próximo que precisa do auxílio do Bom Samaritano*.

O tema da campanha da fraternidade de 2011 nos diz: “A natureza geme em dores de parto” (Rm 8,33). Ora, quando não damos a devida atenção às questões ambientais, agimos tal como o sacerdote ou o levita que passaram pelo homem e nada fizeram a respeito.

O papa Bento XVI também nos lembra da responsabilidade da Igreja, em seu agir pastoral, e da nossa obrigação ética em relação ao meio ambiente e à ecologia.

A Igreja sente seu peso de responsabilidade pela criação (grifos no original) e deve fazer valer essa responsabilidade também em público. Ao fazê-lo, não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve, sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo. Requer-se uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. De fato, a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a “ecologia humana” é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental.¹⁰



Vemos, na Parábola do Bom Samaritano, um legítimo ícone daquilo que é chamado por Bento XVI de *ecologia humana*. Relacionar esse texto do Evangelho a uma nova e ideal conduta ética do ser humano para com a natureza nos parece ser muito oportuno. Este é um dos principais pressupostos que sustentam a possibilidade de conjugarmos *Ética e meio ambiente*.

Francisco de Assis assimilou profundamente este apelo da ética cristã. A partir de um profundo amor a Deus e ao próximo, em consequência viveu um imenso amor à natureza. O ser humano não é um elemento distinto da Mãe Natureza, e sim um de seus filhos. Urge recuperar, a partir de uma ética cristã e de um trabalho educacional eficiente, a noção de integralidade e irmandade.

CONCLUSÃO

Vivemos em tempos que demandam a nossa atenção para com o meio ambiente, a fim de assegurarmos a manutenção da vida na superfície de nosso planeta. Preservar a vida e o equilíbrio de nosso ecossistema é garantir a saúde e a sobrevivência das futuras gerações.

O cuidado com os seres humanos deriva de princípios éticos de uns para com os outros, pautados em virtudes, no respeito, na fraternidade e na compaixão. Vimos que a ética não se restringe aos seres humanos, sendo algo transcendente a todos os âmbitos da criação, desde os animais até os anjos.

Jesus Cristo nos ensina a amar ao próximo, apesar das diferenças. A atitude do Bom Samaritano deve ser um exemplo de conduta amorosa e compassiva para com os outros, em especial àqueles que sofrem.

São Francisco nos ensina a estendermos nosso senso de irmandade para além do âmbito dos homens. Nessa perspectiva, o próximo não é somente o semelhante humano, e sim toda a natureza com seus filhos animais, vegetais e minerais. Se a natureza sofre, que possamos ser bons samaritanos, demonstrar compaixão, nos aproximar, cuidar de suas feridas, e fazer com que toda a humanidade a trate com respeito e dignidade.

Amar, respeitar e preservar a Mãe Natureza é um dever para com Deus que a criou. O interesse egoísta na sobrevivência de nossa própria espécie culmina em nossa própria destruição. Que tenhamos gratidão pelos benefícios que recebemos da natureza e reconheçamos sua origem divina. É ela que nos dá o corpo que habitamos, o alimento, a água, a roupa que vestimos e até mesmo o papel no qual escrevemos. A luz solar nos possibilita ver, ler, caminhar e tantas outras maravilhas.

É hora de a humanidade compreender que, além do ser humano, o próximo também está presente em todas as criaturas, em todos os cantos do universo, dentro e fora de nós mesmos. Em suma, nossos irmãos estão em toda a criação, na medida em que tudo tem origem no Criador. Como filhos de Deus, todos os seres são os integrantes de uma grande fraternidade universal.

BIBLIOGRAFIA



AÏVANHOV, Omraam Mikhaël. *Le Yoga de La Nutrition*. Fréjus (France): Prosveta, 1982;

BENTO XVI. *Caritas in veritate: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. [Tradução dos originais mediante versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico]. São Paulo: Ave Maria, 1997.

BÍBLIA EDIÇÃO CNBB, on-line. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/02/49/10.php>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

PEGORARO, José Olinto. *Ética é justiça*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Cântico das Criaturas*. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1213:cantico-das-criaturas&catid=118:escritos&Itemid=110>. Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

NOTAS

* Padre da Diocese de Jacarezinho – PR. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP.

** Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI – São Paulo – SP).

¹ Cf. PEGORARO, José Olinto. *Ética é justiça*, p. 113-127. Esta introdução retoma, em grande parte, as ideias trabalhadas por Pegoraro nas páginas indicadas.

² PEGORARO, José Olinto. *Ética é justiça*, p. 123.

³ Cf. JOÃO PAULO II, Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1990, 13: AAS 82 (1990) 154-155. In: BENTO XVI. *Caritas in veritate*, n.51, p. 60.

⁴ BENTO XVI. *Caritas in veritate*, n. 51, p. 60-61.

⁵ Na filosofia de Kant, fenomênico se refere ao mundo físico, material, ou seja, os fenômenos são os objetos ou eventos captados pelos sentidos. Por sua vez, numênico se relaciona ao plano da consciência, que é a priori, anterior aos sentidos; este termo é derivado de númeno, que pode ser entendido como a coisa em si, que não aparece, permanecendo oculta aos sentidos.

⁶ Trecho da Bíblia Sagrada na versão da Editora Ave-Maria, com tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica).

⁷ Na lógica, uma afirmação universal não tolera exceções, ou seja, apenas uma exceção basta para invalidar uma premissa ou um argumento; no caso o correto seria dizer que alguns ou nem todos organismos humanos necessitam da proteína da carne, uma vez que alguns não necessitam. O termo empírico se refere à experiência; no argumento acima, a existência de um vegetariano saudável (alguém que não se alimenta de carne) é uma prova concreta e não uma suposição.

⁸ Bíblia Edição CNBB, on-line. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/02/49/10.php>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

⁹ SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Cântico das Criaturas*. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1213:cantico-das-criaturas&catid=118:escritos&Itemid=110>. Acesso em: 12 de dezembro de 2011.



¹⁰ BENTO XVI, Caritas in veritate, n. 51, p. 61.